

Dívida e desemprego marcam o Real

economia Brasil

Da Agência Estado

São Paulo — O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) divulgou levantamento da economia brasileira pós-real, mostrando que o desemprego e as dívidas interna e externa são os indicadores mais negativos do período. A entidade conclui que juntos os dois podem causar mais instabilidades sociais e deixar cada vez mais os governos de mãos atadas, por conta de orçamentos que, ano a ano, apresentam maior nível de comprometimento.

Somente com despesas com juros da dívida interna, por exemplo, o setor público gastou de 1994 a 1998 nada menos que R\$ 213,5 bilhões. No ano passado, o desembolso com os juros foi quase três vezes superior ao do ano de lançamento do Plano Real — aumentou de R\$ 27,1 bilhões para R\$ 72,5 bilhões.

A dívida líquida do setor público em fevereiro deste ano chegou a R\$ 500 bilhões, correspondente a mais da metade do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. A dívida externa total, de 1994 a 1999, cresceu R\$ 75,5 bilhões, e está em R\$ 223,8 bilhões.

Na prática, tantos gráficos de bi-

lhões em dívidas e juros têm significados diversos, mas o principal deles é a compressão dos orçamentos públicos, segundo o diretor técnico do Dieese, Sérgio Mendonça.

O Dieese constatou também que o desemprego saltou de 14,2%, em média, no ano de 1994, para 18,3% no ano passado. Em abril deste ano, ultrapassou 20% na Grande São Paulo. Nas cinco regiões metropolitanas pesquisadas, o número de desempregados chega atualmente a três milhões de pessoas, a metade concentrada na Região Metropolitana de São Paulo.

Para o coordenador de produção técnica do Dieese, Antônio Prado, ainda que a economia brasileira volte a crescer bastante, em torno de 5% ao ano — hipótese afastada para 1999 — o desemprego não cairá na mesma proporção de tempos anteriores. “A sensibilidade da taxa de desemprego ao crescimento do PIB hoje é muito menor”, disse.

Ele citou como exemplo dois momentos da história recente: entre 1986 e 1987 (auge do Plano Cruzado) o PIB cresceu cerca de 10% e o desemprego caiu 2%. Entre 1994 e 1995 (auge do Plano Real), o PIB cresceu cerca de 10%, mas o desemprego re-

cuou 9%. “Mudaram os modelos de crescimento e emprego”, afirmou Prado. “A economia se organiza hoje de outra forma e a diferença de percentuais mostra as razões estruturais do desemprego.”

Segundo o estudo do Dieese, a estabilidade da moeda, o preço da cesta básica, a evolução do salário mínimo e dos rendimentos médios dos trabalhadores foram os indica-

dores positivos do período, embora os dois últimos demonstrem uma tendência de piorar.

Para uma inflação de 76,7% entre julho de 1994 e maio deste ano, a cesta básica subiu apenas 18,4%. O salário mínimo teve ganho real de 19% — o governo havia prometido dobrar o mínimo, mas não conseguiu.

O rendimento médio real dos ocupados também subiu, de R\$ 806,

em 1994, para R\$ 877 em 1998. O problema é que iniciou trajetória de queda este ano. Para Mendonça, talvez esse declínio não seja tão expressivo a ponto de anular todos os ganhos do real, mas tudo dependerá do segundo semestre. “Se não tivermos uma nova crise externa e a economia reagir, a perda média pode não ser tão grande como a que assistimos no primeiro trimestre.”